

# Maria Inês: entre insânias e memórias

— IGOR MACHADO JORGE —

intransitiva  
• revista

HERANÇAS QUE RECEBEMOS, LEGADOS QUE DEIXAMOS (V. 5, N. 2, 2021)

# Maria Inês: entre insânias e memórias

Igor Machado Jorge

---

Mais uma álgida madrugada de maio. Mais um cigarro. Apagando a última bituca no cinzeiro, Maria Inês chorava de tristeza pelo filho que se foi. Nunca entendeu sua decisão de ir embora.

A partir de suas limitações, sempre fez das tripas coração para lhe ofertar o melhor. Era empregada doméstica, e criou João Augusto sozinha, numa cidade que de início mal sabia andar. Seu companheiro a abandonou quando soube que estava grávida. Tentava não pensar no homem que a feriu, pelo menos. Às vezes tinha orgulho de si mesma, por não depender de ninguém. Levando, ainda, o fardo de deixar o interior e partir para a cidade grande em busca de trabalho. Tomou essa decisão porque o João Augusto começou a ficar um pouco maior. Não querendo as mesmas arduidades para o seu único filho, pensava nos horizontes futuros.

Sentada no sofá que ganhou do último morador da quitinete, que recém havia alugado, lembrou da vez em que João Augusto conseguiu uma bolsa para estudar inglês num cursinho que ficava perto da comunidade em que morava. Imaginava que um dia, o seu filho, o seu único filho, poderia viajar pelo mundo. Mais lágrimas escorriam de seus olhos cansados. Por que ele resolveu partir?

Uma noite, há anos, quando o menino ainda era pequeno, acordou com os seus gritos pelo dito “pai”. Alguém que ele nunca havia sequer conhecido. Ela temia que, um dia, João Augusto quisesse procurar o homem que depositou sêmen dentro de seu útero e foi embora. Não lhe falaria, obviamente, mas se optasse por isso, ficaria muito magoada. Maria Inês nunca entendeu o conceito de “pai e mãe” que algumas pessoas atribuem às mães solteiras.

Começou uma pequena garoa lá fora. Exatamente como na noite em que João Augusto foi embora. Mais um cigarro: o décimo sétimo ou o décimo oitavo. Nem estava contando mais quantos já havia fumado. Apenas sentia a colossal angústia que cercava sua alma.

Lembrou, em seguida, de quando o seu filho lhe falou em seguir carreira no exército. De certa maneira, havia simpatizado com a ideia, mas nem tanto assim. Maria Inês nunca contou para João Augusto que sonhava com um filho professor. Para ela, o professor era como um ser abençoado, parecido com os tais “espíritos de luz”, que seus antigos patrões espíritas falavam.

Com as mãos trêmulas e enjoada por não ter comido nada há dois dias, passou os dedos pelas últimas fotografias que sobraram do incêndio da antiga quitinete. Lá estava o filho, mais uma vez, ainda criança, sentado no degrau da antiga bolanta: sua primeira casa depois que veio do interior. Mais lágrimas despencaram. Ela não entendia o porquê de ter ido embora. Segurava aquela imagem como num abraço, levando o rosto de João Augusto ao coração. Doía tanto e ela não sabia se queria continuar tentando suportar aquilo.

O dia começou a clarear. O sol apareceu pelas frestas do pequeno cubículo em que estava morando. Ouviu batidas na porta. Cambaleando, como se estivesse muito bêbada, levantou e tentou abri-la. Girou a maçaneta pela primeira vez e não conseguiu. Maria Inês, que já era uma mulher magra, agora estava esquelética, e perdendo suas forças. Com muita vontade, conseguiu abrir uma fresta e se deparou com dois homens a olhando: era o senhor Aparício com o seu filho mais velho. Foram, mais uma vez, cobrar o terceiro mês de aluguel que estava atrasado.

— Desculpe, seu Aparício, mas ainda não recebi. Meus patrões estão num congresso na Argentina e ainda não depositaram meu salário esse mês. — Afirmou a Maria Inês com sua voz trêmula.

O homem pareceu estar um pouco irritado.

— Até o final de semana, Maria Inês. Tenho que pagar minhas contas. — Retrucou o Aparício.

Exausta, consentiu com a cabeça. No fundo estava desesperada porque tinha perdido o emprego na mesma semana em que o João Augusto foi embora.

Não havia comentado isso com o seu Aparício porque tinha medo que ele a despejasse. Não tinha para onde ir: sem a família, sem o filho. Não havia ninguém. Estava sozinha.

Maria Inês, sentindo-se atordoada, fechou a porta e permaneceu estagnada por um tempo, olhando para o mofo presente no forro. E, para sua desagradável surpresa, escuta:

— Essa vagabunda vive bêbada desde que chegou aqui, pai. Só pagou direito o primeiro mês. Acredito que o macho que vivia com ela foi embora porque não vejo mais ele. Se seguir assim, temos que mandá-la embora.  
— Explanou o filho do velho Aparício.

A pobre Maria Inês queria muito abrir a porta novamente e falar poucas e boas, mas se sentia cansada demais para isso. Nada mais fazia sentido para ela naquele momento: não tinha mais o João Augusto, não tinha mais o emprego. O que restava eram roupas atiradas pelo sofá, uma pia com louças sujas, e o coração que sangrava pela partida do filho.

Considerando-se fraca, caminhou até o quarto e abriu a porta do maleiro, onde guardava seus remédios. Pegou o último calmante. Sem querer, caiu aos seus pés a carta que o João Augusto havia deixado antes de cometer suicídio, há dois meses.

Novamente, e para sua tortura, sentou-se no sofá e começou a lê-la. Não haviam palavras de dor ou sofrimento, pelo contrário, João Augusto a agradecia por todo o carinho. Ela não entendia o que o levou a realizar esse ato: será algo que ela não fez? O que havia de errado?

Assim que Maria Inês terminou de ler a carta, sentiu a presença do filho. Era como se eles estivessem no mesmo lugar. João Augusto, agora um homem à beira de seus 47 anos, estava sentado ali, ao seu lado. Havia algo de diferente nele: vestia o que parecia ser uma farda militar. Entretanto, ainda tinha o mesmo cabelo negro, a mesma pele morena e o mais importante para ela: o mesmo sorriso doce e calmante.

— Filho, você voltou para me encontrar? — Perguntou Maria Inês.

— Eu não fui a lugar nenhum, mãe. — Respondeu João Augusto. Eu estive aqui anteontem, ontem e estou aqui hoje. A senhora lembra?

— Ontem?

— É, mãezinha. A senhora tentou abrir a porta sozinha, e desequilibrou-se. O enfermeiro e eu te seguramos a tempo. — Replicou João Augusto, sentindo-se um pouco entristecido.

— Eu tinha um filho, sabe, moço. Parecido com você: o mesmo cabelo, a mesma pele e o mesmo sorriso. Ele queria ser militar, mas acabou tirando a própria vida.

A enfermeira informou a João Augusto, que sua mãe, Maria Inês, estava se alimentando mal há dois dias, ficando, portanto, inquieta. Mexia-se de um lado para o outro do quarto, chorando pelo filho que “partiu” de sua vida.

— Pobre da minha mãezinha! — Expressou João Augusto. Não há mais o que fazer, assim, nessas condições. É triste vê-la dessa maneira. Foi ela quem me oportunizou carinho, alimento, estudo, etc., e agora está assim..., tão magra, tão doente. E o que mais me dói são as memórias que terminam nessa clínica, ainda em tempos pandêmicos e inertes.

— Eu sinto muito! — Respondeu a enfermeira, pousando a mão no ombro de João Augusto.

Maria Inês fitou carinhosamente o rosto do filho, admirando os traços familiares que, aos poucos, reconhecia. Suas memórias convulsionavam.

— É você, meu filho! Que alegria te reencontrar. — Falou Maria Inês, derramando as lágrimas que insistiam em cair.

— Canta para mim, meu filho. Canta para eu dormir, para eu sonhar.

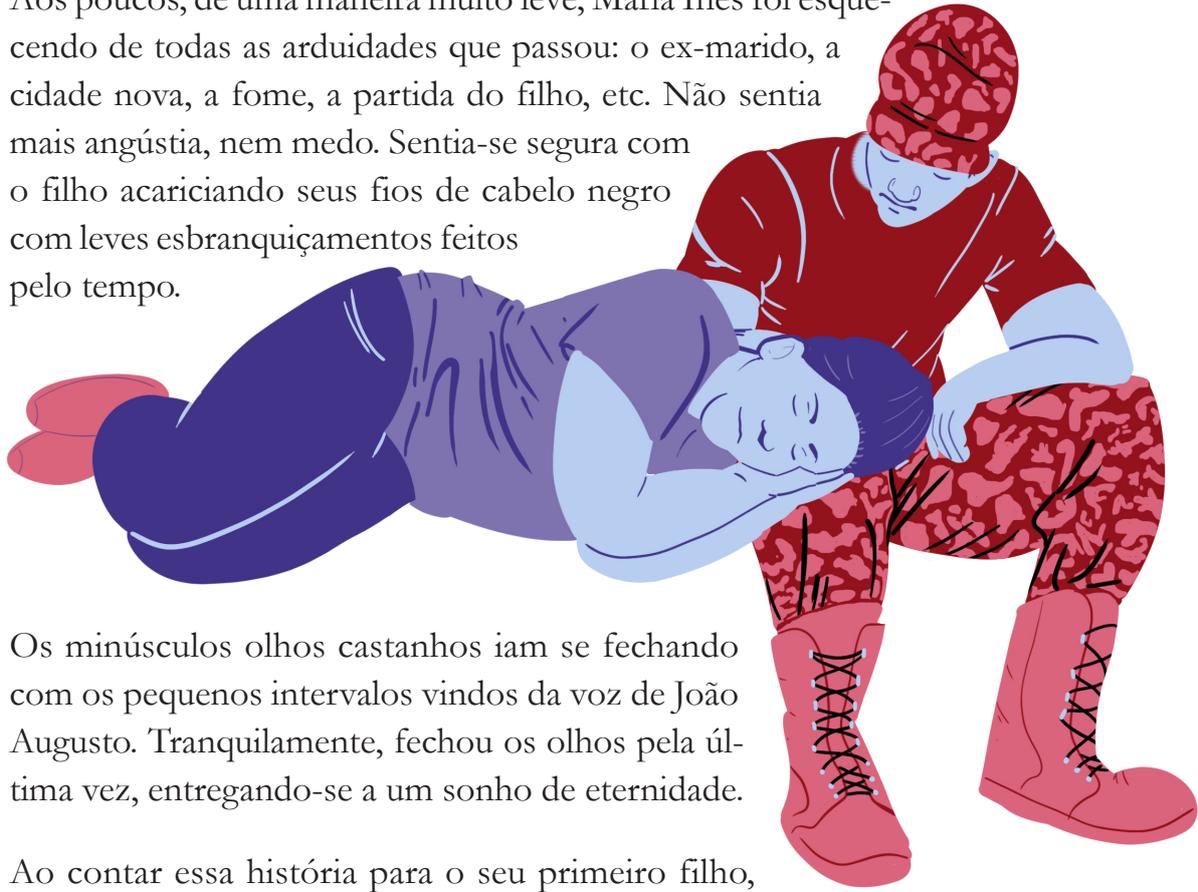
Então, suavemente, ouvia-se o doce som saindo dos lábios de João Augusto:

— Eu tenho tanto pra lhe falar, mas com palavras não sei dizer. Como é grande o meu amor por você.

Enquanto ouvia o João Augusto cantar, Maria Inês lentamente deitou com a cabeça no colo de seu filho.

— Eu tinha um filho, sabe, moço. Parecido com você: o mesmo cabelo, a mesma pele e o mesmo sorriso. Ele queria ser militar, mas acabou tirando a própria vida.

Aos poucos, de uma maneira muito leve, Maria Inês foi esquecendo de todas as arduidades que passou: o ex-marido, a cidade nova, a fome, a partida do filho, etc. Não sentia mais angústia, nem medo. Sentia-se segura com o filho acariciando seus fios de cabelo negro com leves esbranquiçamentos feitos pelo tempo.



Os minúsculos olhos castanhos iam se fechando com os pequenos intervalos vindos da voz de João Augusto. Tranquilamente, fechou os olhos pela última vez, entregando-se a um sonho de eternidade.

Ao contar essa história para o seu primeiro filho, João Augusto resgatou as memórias deixadas pela mãe. Levando, assim, os ensinamentos que alinhavaram suas gerações: pela humildade e pelos sonhos. Seus frutos floriram. Que belo!

— Eu tinha um filho, sabe, moço. Parecido com você: o mesmo cabelo, a mesma pele e o mesmo sorriso. Ele queria ser militar, mas acabou tirando a própria vida. — Disse João Augusto para o filho, que foi visitá-lo na clínica.

Ilustração de Marcus Homsi

## Sobre o autor

Igor possui graduação em Artes Visuais e Pós-Graduação em História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Possui graduação em Letras – Português e Respectivas Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). É integrante do projeto de extensão intitulado “Leituras do Feminino: nos rastros dos discursos maternos” e do projeto de pesquisa intitulado “Fragmentos de discursos sobre a maternidade em autoras brasileiras contemporâneas”, coordenados pela Professora Dr.<sup>a</sup> Luciana Abreu Jardim. Tem experiência na área de Artes e Literatura, com ênfase em Literatura Brasileira Contemporânea e Literatura Afro-brasileira.